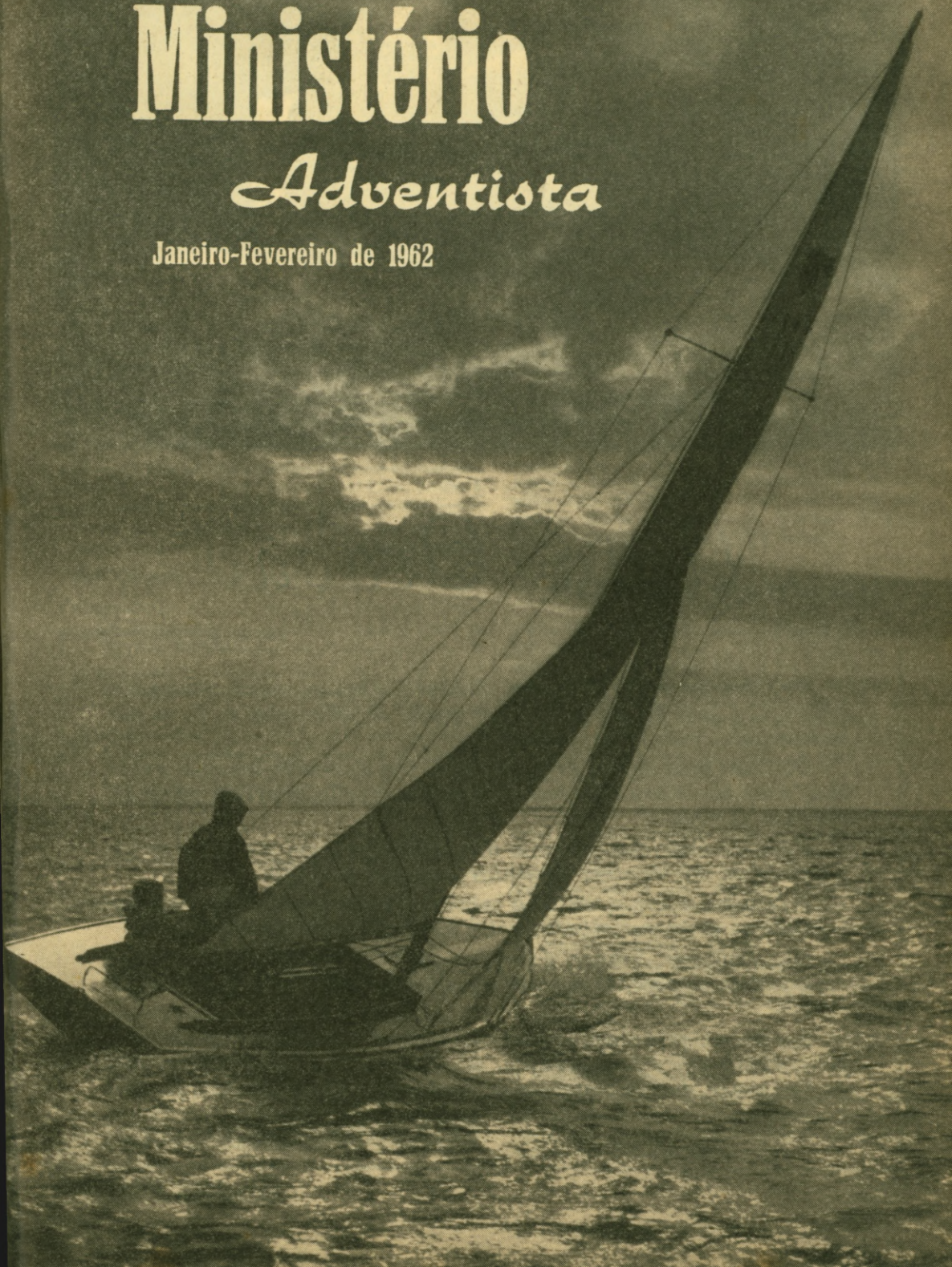




Ministério

Adventista

Janeiro-Fevereiro de 1962





A. DEVANET

Uma Oração

Oh, faze-me mais fervoroso, Senhor! Abre os meus olhos para que veja; e faze-me ver e entender quais são os anseios de Deus para comigo!

Gera em mim aquela graça celestial que se deleíta em orar e chorar. Faze vir sôbre mim cada dia um profundo interêsse pelas almas que perecem.

Faze-me orar com poder, e não desfalecer nem cessar; e possa a paixão da minha alma aumentar e crescer cada dia.

Ajuda-me a ver e sentir a minha própria necessidade, a ficar humilde no pó; a me levantar entre as almas perdidas e Deus.

Oh, ajuda-me, Senhor, a confiar em Ti! A confiar no Teu glorioso poder; a exercitar uma fé viva, e conservar-me nela hora após hora.

Sonda-me, prova-me, esquadrinha-me, examina-me. Julga cada pensamento meu e cada palavra. Enche-me de verdade e de justiça, do Teu poder, do Teu testemunho, Senhor! — Reavivamento, janeiro de 1956.



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Lulz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 27 Nº. 1

CAPA: Lambert STUDIO

UMA ORAÇÃO 2

ILUSTRAÇÕES

Luz Emprestada 3
Riquezas Espirituais 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Planos Novos Para um Ano Novo
..... Enoch de Oliveira 4

ARTIGOS GERAIS

O Desafio do Novo Ano Erwin E. Roentfelt 5

Planejando a Pregação Para um Ano
..... George Gerald Parker 8

A Igreja Verdadeira G. F. Ebinger 11

Inspirando Jovens a Abraçarem o Ministério ..
..... H. Carl Currie 16

OBRA PASTORAL

O Pastor Deve Dizer a Verdade .. Archa O. Dart 18

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

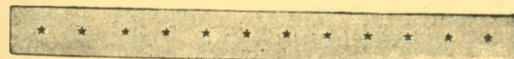
Evangelismo Infantil Destaz Preconceitos e Ga-
nha Adultos Manuel Banquê 20

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOU- TRINA

..... 22

NOTÍCIAS DA IMPRENSA

..... 24



Luz Emprestada

O senhor não recebe muita luz solar aqui, não é? — perguntou uma senhora idosa e amável, ao entrarmos no elevador dos fundos de um grande estabelecimento comercial.

— Sòmente aquela luz que pessoas como a senhora trazem aqui, minha senhora — respondeu o ascensorista com natural cortesia. Algumas pessoas levam consigo tanto brilho que iluminam os outros um pouquinho.

Quantas pessoas — pensei ao sair momentos depois — dependem de outras por toda luz que conseguem em sua vida, e quão poucos de nós carregam consigo brilho extra para iluminar mesmo um canto escuro! Vamos sorrir, e ter uma fisionomia alegre ao andarmos pelas ruas e lojas. Talvez somos portadores dos únicos raios de alegria que algumas pessoas vêm durante o dia todo.

Sorriamos e nos mostremos felizes ao irmos para o trabalho, na escola, no escritório ou em casa. O trabalho prospera melhor na alegria, justamente como as plantas o fazem na luz, e talvez nossos sorrisos farão nossos companheiros de trabalho mais felizes em sua tarefa; certamente nós mesmos iremos melhores. — A. Bernard Webber, *More Illustrations and Quotable Poems*.

Riquezas Espirituais

Um ministro escocês conta a história duma pobre mulher escocesa que a êle se dirigiu em sua angústia, e falou-lhe da pobreza em que se encontrava. Ela teria que conseguir algum trabalho em sua idade avançada ou ficar em necessidade. Perguntou-lhe o pastor se ela não possuía amigos ou membros de sua família que pudessem sustentá-la, ao que respondeu que tinha um filho, na Índia, a serviço do governo.

— Êle lhe escreve? — indagou o pastor.

— Oh, sim, êle muitas vêzes escreve — disse — envia as mais amorosas cartas e costumeiramente inclui um papel fantasiado com gravuras no canto. Guardo-os todos em minha Bíblia. Mas sou orgulhosa demais para dizer-lhe quão pobre estou e não posso esperar que me envie dinheiro.

— Não se importaria em me mostrar alguns destes papéis? — inquiriu o pastor.

Ela buscou sua Bíblia, e retirou dentre as folhas muitos daqueles pedaços de papel. Verificou-se serem notas do Banco da Inglaterra, tôdas de avultado valor.

— Ora essa! A senhora tem aqui dinheiro em abundância! — exclamou, surpreso, o pastor. Tem a Bíblia cheia de tesouros.

Quantos cristãos há que têm ilimitadas riquezas espirituais entre as capas de sua Bíblia mas não fruem êsse patrimônio. — Keith L. Books, *Illustrations for Preacher and Speakers*.



Planos Novos para Um Ano Novo

QUANDO este número de "O Ministério Adventista" estiver circulando, estaremos vivendo as vibrações festivas de um novo ano, com as suas surpresas e oportunidades. O leitor já terá formulado as resoluções e planos para esta nova jornada e, por isso mesmo, este Editorial parecerá inoportuno, extemporâneo e desnecessário. Sem embargo, nos permitimos destacar, em traços rápidos, a necessidade imperiosa de um elaborado programa pastoral, a fim de bem cumprir, no decurso de 1962, um ministério fecundo e realizador.

É evidente que um pastor não está obrigado a ajustar as suas atividades dentro de um programa disciplinado e rígido, marcando com uma ficha, num relógio de ponto, o começo e o termo de suas tarefas diárias. Porém, se deseja apresentar-se perante Deus "como um obreiro aprovado", deve ordenar os diferentes aspectos do seu trabalho, metodizando-os dentro dos limites marcados pelo compasso do tempo.

O planejamento dos sermões para o ano que agora desponta, parece-nos imprescindível, uma vez que estabelece orientação aos hábitos de estudo e leitura. Em seu livro *Preaching Without Notes*, Clarence Macartney, destacado pregador presbiteriano à página 90, observa: "É altamente importante que o pregador planeje o seu trabalho com bastante antecedência".

Comentando a importância de se organizar um definido programa de sermões, escreveu Henry Sloan Coffin, professor do Departamento de Teologia Aplicada, em Yale: "Distribuí os assuntos das pregações, tanto quanto possível, no terreno das previsões, durante um ano inteiro..." (Here is My Method, pág. 53). Este

método estimula o pregador à coleta antecipada de subsídios que enriquecerão os seus temas, capacitando-o a uma mais brilhante exposição homilética.

Desafortunadamente, alguns pregadores desenvolvem o hábito da improvisação. Pregam com insegurança sobre assuntos que se inspiram em idéias peregrinas, sem um amadurecido estudo, fruto evidente da ausência de um elaborado plano de sermões.

Vale destacar também a importância de um ordenado programa de visitas para 1962. Alguns pastores dedicam tempo excessivo às reuniões da comissão, em detrimento da obra pastoral nos lares. Sem embargo, mais importante que a agenda da comissão da igreja são as ovelhas que dispersas, aguardam uma palavra de orientação e alento. Andrew W. Blackwood, em seu livro *Pastoral Leadership*, declara: "Em todo o tempo devemos considerar o ministro principalmente um pregador e pastor antes que um administrador e promotor de paróquias". Pág. 20.

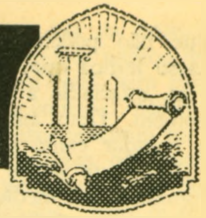
Por que organizar uma programa de visitas? Conhecemos uma piedosa irmã que, durante 15 anos, embora morando nas cercanias do templo, não recebeu uma só visita pastoral. Durante este lapso de tempo, diversos pastores se sucederam no cuidado daquela igreja. Todos eles se revelaram dedicados e entusiastas no exercício de suas atividades ministeriais. Entretanto, a ausência de um plano de visitas fê-los negligenciar o cuidado pastoral de uma sofredora alma que, a três quadras da igreja, através de anos, aguardou com grande expectativa a visita alentadora do pastor.

A obra de assistir os membros da igreja na solução dos seus problemas, e ajudá-los em suas inquietudes espirituais, reclama um cuidado diligente. Impõe-se, pois, a necessidade de um planejamento para que, através deste novo ano, nenhuma alma confiada aos nossos cuidados pastorais, seja privada das bênçãos que resultam de uma visita pastoral.

O pastor deve ter um plano de estudos e leituras. Já não mais se lhe impõe a disciplina rígida do Seminário, com o dever e a responsabilidade de se submeter a exames periódicos. Não mais se lhe exige o estudo compulsório das matérias constantes no currículo de um curso de Teologia. Porém, a responsabilidade de pregar "em tempo e fora de tempo" as grandes verdades do Reino, demanda uma renovação constante de pensamentos e idéias. Evidentemente, para lograr esta renovação é imperativo um devotado e ardoroso programa de estudos.

Dirigindo-se a um grupo de ministros na cidade de Boston, nos EE. UU., contava um hábil e eloquente pregador como havia tornado o seu ministério mais eficiente, lendo nada me-

(Continua na pág. 21)



O Desafio do Novo Ano

ERWIN E. ROENFELT

Secretário Associado da Associação Geral



DE NOVO hemos chegado ao limiar de um novo ano. Enquanto escrevemos, 1961 marcha, célere, para a eternidade. Mais alguns dias... e se foi. Apenas sua lembrança e seus acontecimentos, fatos, conseqüências, derrotas e triunfos permanecerão conosco. Bem faremos, a esta altura, em deter-

nos por um momento a fim de têmos uma visão retrospectiva dos doze meses transcorridos para verificarmos se, de fato, progredimos em nossa vida cristã individual e em nosso trabalho como obreiros na causa de Deus.

Mesmo uma visão casual do passado converterá à maioria de nós, senão a todos nós, de fatos em nossa vida e experiência que não apenas nos desapontaram, mas nos causaram funda mágoa e amargo remorso. Muitas coisas que é nosso privilégio ou dever realizar foram deixadas por fazer. Resoluções foram quebradas e votos não foram mantidos. Cometeram-se atos que não vale a pena lembrar.

Que devemos fazer com o passado? Quais as possibilidades que nos desafiam ao nos defrontarmos com o novo ano?

O Passado

O apóstolo Paulo dá-nos exemplo com relação ao que deve e pode ser nossa atitude para com o passado. Reconhecendo que inda não conseguira realizar o que era possível, por meio de Cristo, declarou: "Uma coisa faço... esquecendo-me das coisas que atrás ficam" (Fil. 3: 13). Deus quer que esqueçamos as derrotas e erros do passado. Uma breve lembrança de nossas deficiências passadas nos impelirá a agradecermos a Deus pela Sua misericórdia e graça, contudo não devemos pensar no passado de modo a marear nossa presente felicidade nEle e em nosso serviço para Ele.

A respeito de nossos pecados e deficiências passados, temos a promessa de que, se nos arrependermos e os confessarmos, serão perdoados, e estaremos limpos de toda injustiça (I S. João 1:9). O apóstolo Paulo declara que as iniquidades confessadas são perdoadas e os pecados confessados são cobertos (Rom. 4:7). Mais adiante declara que Deus jamais se lembra deles (Heb. 8:12). Deus esquece quando perdoa. Por que, então devemos lembrar? Por que permitirmos que o passado nos desanime?

O Futuro

O apóstolo Paulo podia ter permitido que o passado lhe prejudicasse a alegria no Senhor bem como a eficácia de seu futuro trabalho. Tal, entretanto, não fez. "Esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim" — era sua atitude. Compreendera que, amiúde, havia enfrentado novas oportunidades e possibilidades. Estas — reconhecia êle — deveriam merecer seu principal interesse. O mesmo deveria ocorrer hoje com os obreiros na causa de Deus. Constantemente se nos apresentam novas oportunidades e desafiante possibilidades. Devem-nos prender a atenção e influenciar nossas atitudes. Enganos e desacertos passados devem tornar-se degraus para o êxito. Nosso êxito ou fracasso futuro depende inteiramente de nossa relação com o plano e propósito de Deus para conosco.

O Propósito de Deus para Conosco

Deus estabeleceu um alvo para nós. Paulo a êle se refere como "o alvo pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fil. 3:14). Isto é tratado em outras partes das Escrituras. Quando estêve na Terra, Cristo o expressou desta forma: "Sêde vós, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos Céus" (S. Mat. 5:48). Há certos aspectos em Deus,

que não podemos igualar. O contexto deste passo indica que, ao proferir Cristo estas palavras, referia-Se à atitude de Deus para com o homem. Deus ama a todos os homens — tanto o pecador como o santo. Sermos semelhantes a Ele neste ponto é propósito de Cristo para conosco. Se medíssemos a expectativa divina a nosso respeito neste particular, quão diferentes seriam nossas relações com o próximo.

O objetivo do Céu em relação à nossa vida também é expresso pelo apóstolo Pedro: “Como é santo Aquêle que vos chamou, sêde vós também santos em toda a vossa maneira de viver” (I S. Ped. 1:15). Semelhança com Deus e semelhança com Cristo é o ideal estabelecido para nossa vida e caráter. Nossa vida deve ser uma revelação de Cristo. É propósito de Deus que nos rendamos tão completamente a Cristo de modo que a vida que vivermos seja a Sua vida, e o serviço que prestemos seja Seu serviço.

Santidade, perfeição nEle e por Ele, semelhança de Cristo — eis o plano divino para nós. Ele deseja que o pecado seja tão completamente removido de nossa vida, e que a prática do bem ocupe tão completamente seu lugar, que nossa vida seja a revelação da de Cristo para com o próximo. Que desafio isto se torna para cada um de nós!

O Reconhecimento do Propósito de Deus

Milhares e milhares têm tentado, por sua própria força, atingir o ideal divino para a vida humana e para o serviço cristão, e fracassaram. Como, porém, *podemos* alcançar o padrão que Deus estabeleceu para nós? A resposta é simples. Unicamente por meio de Cristo podemos satisfazer o que Deus espera de nós. Por meio de esforços humanos não se obtêm essa perfeição de caráter e vida, e êxito no serviço cristão. Por conseguinte, Deus não pede ao homem que satisfaça Seu desígnio pelos próprios esforços. Requer de nós que tenhamos a espécie de fé que nos leva a entregarmos a nós mesmos e inteiramente nas mãos de Cristo, e a dependermos dEle.

Paulo, como muitíssimos outros, tentou por si mesmo vencer seus pecados e fraquezas e compreender o propósito de Deus para com ele, mas fracassou. Tão intensas eram suas lutas e tão devastadores seus defeitos, que quase desesperou. Em luta, clamou: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” Houve uma resposta ao seu clamor que o levou a exclaimar, exultante: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor” (Rom. 7:24 e 25). Em Cristo achou o apóstolo a solução ao problema de seus fracassos no viver e serviço cristãos.

Tão plenamente Paulo experimentou aquilo que Cristo está disposto a fazer por todo aquê-

le que O contempla, que pôde exclaimar: “Graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo o lugar o cheiro do Seu conhecimento.” (II Cor. 2:14.) E ainda: “Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Cor. 15:57).

A Vitória é Um Dom

A vitória na vida cristã e o êxito no serviço cristão são dons que Cristo concede a Seus filhos. Eles chegam aos homens e mulheres pela base da fé, e não apenas como resultado de esforço e luta humanos. Em I S. João 5:4 lemos que “esta é a vitória que vence . . . a nossa fé.” Fé em Cristo é confiança nEle, dependência dEle, deixá-Lo fazer por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. A vitória e o êxito na vida e no serviço cristãos, portanto, não nos vêm como resultado do que fazemos, mas são resultado do que permitimos que Cristo faça por nós, e de nossa dependência dEle.

A luta e o esforço da vida cristã são a luta de chegar ao ponto em que estamos preparados para permitir que Cristo exerça completa posse de nós, e usar-nos naquilo que Ele determinar.

Não há muito, compareci a uma reunião na cidade de Nova York. Achava-se presente um homem que havia prestado relevante e grandioso serviço à causa de Cristo. O presidente da assembléia convidara êste servo de Deus a apresentar breve relatório de seu trabalho. Acolhendo, disse que, antes de tudo, queria orar, “porque,” disse, “jamais apreciei fazer alguma coisa, mesmo apresentar um simples relatório sem orar primeiro.” Jamais esquecerei sua brevíssima, simples mas tremendamente vibrante oração. “Senhor, ajuda-nos a esquecer-nos de nós mesmos,” orou, “porque Tu podes realizar grandes coisas por meio daqueles que se esquecem de si mesmos.” Essa oração capacitou-me a entender o segredo que havia detrás do espantoso serviço que êle prestara à causa de Cristo. Quão essencial e premente é a necessidade de cada obreiro adventista do sétimo dia *esquecer-se de si mesmo* e entregar a Cristo o pleno controle da vida.

“Sem Mim nada podeis fazer,” disse Jesus (S. João 15:5). O homem, entregue a si mesmo, é desvalido. Deus sabe disso e por isso não nos pede que cessemos de pecar ou deixemos de errar ou Lhe prestemos serviço confiados em nossa própria força e pelos nossos esforços. Ele nos pede permitirmos que Cristo faça isto por nós. É Seu propósito e é desejo de Cristo formar uma união conosco, tão vital e completa, que Seu poder e energia se manifestem em nós e por meio de nós. Boa vontade de nossa parte para que Ele faça isto, é o que Cristo requer de nós.

É nossa responsabilidade, ao enfrentarmos o pecado e fraquezas de nossa natureza humana, decidirmos não pecar e não cometermos erros, e então teremos o privilégio de contemplar a Cristo como Alguém que pode traduzir nossas decisões em experiência concreta e dar-nos a vitória mesmo sobre nossos pecados e defeitos. É também responsabilidade nossa rendermo-nos tão completamente e sem reservas a Cristo para que Ele possa usar-nos como humildes instrumentalidades para fazer Sua obra de graça e salvação na vida de outros. Por nosso intermédio Ele quer alcançar o coração de homens e mulheres perdidos. A pergunta, pois, que nos vem a cada um de nós e a que teremos de responder é: "Estou disposto a ser alguma coisa ou a ser nada, a ir em qualquer parte ou a permanecer onde estou, a empenhar-me em qualquer setor da Obra de modo que Cristo sempre possa usar-me exatamente onde Ele deseja?"

Submetei-vos a Deus

Paulo, por meio de quem Cristo tanto realizou em tantos lugares e em favor de tantas pessoas, reconhecia esta verdade, e sob o impulso do Espírito Santo, admoesta-nos com estas palavras: "Apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça" (Rom. 6:13). Não é a um lugar especial ou a um campo de nossa escolha, ou a um departamento, ou a um cargo na organização da igreja, que nos devemos entregar a nós mesmos. Não, e não! Devemos nos entregar a Deus, deixando a Ele determinar a natureza e o local de nosso serviço. O fazermos isto poderá acarretar-nos inconveniências, vicissitudes, provas e perseguições como aconteceu a Paulo no passado, mas trará igualmente satisfações, alegrias e recompensas que, de nenhuma outra maneira, nos viriam. E além de tudo, não há alegria ou satisfação que se possa comparar com a que nos vem do reconhecimento de que Deus nos está usando porque nos abandonamos a nós mesmos e a todos os nossos interesses por causa d'Ele.

O mesmo apóstolo mais adiante nos aconselha a levar "em cativeiro todo o entendimento à obediência de Cristo" (II Cor. 10:5). Isso precisa tornar-se nosso primeiro e principal interesse. Concordarmos mais convictamente com este conselho *requer de nós o esquecermos nossos interesses pessoais e egoístas, ambições, confortos, conveniências, vantagens e privilégios pessoais*. Glorificá-Lo onde e como Ele determina — eis nossos privilégios e responsabilidade.

Enfrentando a Hora Final da Terra

Como obreiros adventistas do sétimo dia, temos de saber seguramente pelas nossas observações o que está acontecendo hoje no mundo, e

compreendermos estas coisas à luz da profecia bíblica, e que temos chegado ao fim mesmo dos últimos dias. Pouco tempo nos resta para completar a tarefa que Deus nos confiou. Milhões e milhões que habitam na Terra precisam ter a oportunidade de ouvir a mensagem da misericórdia divina e amor pelos pecadores, e de Seu maravilhoso plano para salvá-los. Mas o que estamos fazendo para levar-lhes a mensagem? Deixe-me tornar mais pessoal esta pergunta. Que estou *eu* fazendo, e que estais *vós* fazendo? Estamos tão empenhados na salvação de homens e mulheres a ponto de esquecermos a nós mesmos, nossos confortos e conveniências, e permitir a Deus usar-nos em alguma capacidade nossa para revelar Seu amor e misericórdia e salvação oferecida a eles, onde estejam e em quaisquer circunstâncias e condições?

Nós que somos obreiros na causa de Deus jamais nos devemos esquecer de que não estamos apenas ligados a uma igreja com a finalidade de exercermos seu ministério. Estamos ligados ao que Deus determinou que estivéssemos, do princípio ao fim, a um movimento! O profeta João, descrevendo o povo a quem Deus destinou que surgisse ao iniciar-se a hora do juízo, declara: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo" (Apoc. 14:6). Estas palavras denotam *movimento*, não um mero flutuar ao redor de uma igreja composta de pessoas que já ouviram a mensagem de Deus para este tempo. Possivelmente nossas igrejas organizadas necessitam de pastôres que puguem nelas e visitem os doentes e sepultem os mortos, mas os tempos a que chegamos certamente exigem que os membros leigos, escolhidos como oficiais da igreja, devam ser ativados a fazerem mais trabalho na igreja do que estão fazendo hoje. Dessa forma deixariam os pastôres mais livres para se dedicarem mais plenamente senão totalmente à obra de proclamarem a mensagem de Deus para este tempo aos que não a conhecem.

Quantos obreiros há hoje na causa do Advento, que jamais têm tempo, ou pelo menos não se ocuparam por muito tempo, na pública proclamação da mensagem divina aos homens para estes dias. E quantos há que deixam de fazer disso a prática de seu ministério, o buscar entrada nos lares do povo que não pertence à nossa fé, com o fim de abrir a Bíblia e estudar sua mensagem com eles. O evangelho eterno, no tempo das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, é designado por Deus a tornar-se a mais apelativa, mais impressionante e mais desafiante coisa que há no mundo nestes últimos dias. A mensagem de Deus deve soar acima dos clamores de tristeza e dos corações partidos, acima do clamor de homens egoístas que

Planejando a Pregação Para Um Ano

GEORGE GERALD PARKER

Ministro da Igreja Congregacional de Manhasset, Nova York

UM pregador amigo (a quem chamaremos João) tivera “uma semana daquelas” em que ocorrera toda sorte de atividades dispersivas. Chegando a noite de sábado, ele não tinha um sermão preparado e nem sequer sabia sobre que pregar. Depois de muito “sangue e suor” senão também de “lágrimas”, repentinamente teve uma idéia eletrizante. Rapidamente começou a escrever notas enquanto o Espírito falava de modo tão claro. No meio dessa tarefa, foi interrompido pela chegada de um paroquiano. O homem entrou, e João, o pregador, disse:

— Olhe, ouça alguma coisa do que vou pregar amanhã cedo.

E entusiasmado começou a despejar os pensamentos que anotara. À medida que o fazia, seu amigo ficava mais e mais intrigado. Finalmente interrompeu:

— Mas João, isto é exatamente o que o senhor pregou no último domingo!

Sem dúvida, era simplesmente o velho sermão que emergia do subconsciente.

Isto é o que podemos chamar de sistema de planejamento de sermões “o suficiente para o dia”. Certamente Jesus não pensava que Suas palavras “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã” seriam aplicadas até em matéria de preparo de sermão. Não é difícil observar que um sermão para uma vez — e freqüentemente preparado bem tarde na semana — é um motivo de haver ministros abatidos. Só as ansiedades do sermão são o suficiente para mergulhá-los no desespero.

buscam posições e aplausos, acima do trepidar das máquinas modernas e do fragor da batalha. Por intermédio de vós e por meu intermédio deve a voz de Deus ser ouvida hoje, oferecendo ao homem em toda a parte a salvação que Ele providenciou em Seu Filho, Jesus Cristo.

Irmãos, ao nos defrontarmos com o novo ano, correspondamos ao desafio de Deus e façamos tão completa dedicação de todo nosso ser a Ele de modo que Ele nos possa utilizar plenamente. Possamos ser instrumentalidades pelas quais Sua voz seja ouvida em todas as nações insistindo a todos os homens em toda a parte a aceitarem Sua salvação oferecida antes que seja demasiado tarde.

Concordemos que este é um caso extremo, e a maioria das pregações são planejadas com uma semana, um mês ou três meses de antecedência. Em qualquer caso, a escala do planejamento de sermões é importante para a pregação eficaz. Se o planejar e concatenar são importantes para fortalecer o sermão isolado, segue-se que o planejar e organizar serão igualmente importantes para uma escala de sermões.

Em vez do extremo de planejar um sermão para cada vez, prefiro o outro extremo e apresto a idéia de se planejar cada vez sermões *para um ano inteiro*.

Desde há muitos anos, quando estou nas férias de verão, venho planejando minhas pregações para todo o ano seguinte. É uma experiência refrigerante. Produz estímulo mental e espiritual impossível em meio ao azáfama do restante do ano. Ao contrário, pois, de roubarem preciosos momentos das férias, o estudo e a leitura feitos à vontade, desligados de qualquer compromisso imediato, exercem um efeito espiritualmente recreativo. Constitui excelente contrabalanço das costumeiras atividades físicas nas férias.

Os sermões não ficam definitivamente escritos ou esboçados para o momento de serem pregados. Contudo seleciono os textos bíblicos, as idéias básicas e os títulos, às vezes mesmo o esboço, deixando tudo concatenado. A medida que o ano vai transcorrendo, novas idéias, ilustrações e material de reforço surgem e são arquivados juntamente com o sermão. Dessa forma o “ólho homilético” é mantido aberto, de modo que o sermão avulte e se desenvolva. Aproximadamente uma semana antes de ser pregado, então se prepara o esboço definitivo, com o aproveitamento do material acumulado.

Não é preciso dizer que um programa antecipado de sermões deve ser como uma tabela ferroviária; isto é “sujeita a alteração sem prévio aviso.” Dessa forma sempre me senti em liberdade de alterar algum tópico, sempre que outro mais importante me aparecia. Isto ocorre duas ou três vezes no ano, e serve para ênfase ao sermão “especial”.

Consideremos algumas importantes vantagens de um plano de longo alcance para sermões.

Em primeiro lugar, *economiza tempo*. Já no começo da semana saber-se o tema do sermão e a sua estrutura, representa grande poupança de tempo. E de fosfatos também. Não há ne-

cessidade de se dispender horas agoniadas e mesmo dias procurando resolver, de modo premente, o assunto a ser escolhido e "sermoneá-lo". Tampouco é necessário interromper atividades essenciais do pastorado duas ou três vezes por ano a fim de organizar esboços para as pregações do próximo mês ou mais.

Além disso *realça o aspecto professoral do púlpito*. Os antigos pastores na Nova Inglaterra eram chamados para a igreja na qualidade de "pastor e ensinador." Esta função de ensino do púlpito tem mais se intensificado do que regredido no passar dos anos. Hoje em dia a média dos adultos protestantes não recebe educação cristã de nível elevado a não ser através do púlpito. E não recebem nenhuma instrução expressiva do púlpito se a pregação é chôcha, falha, sem o devido preparo. Seria bom se depois de pregar por cinco anos a uma congregação, o pregador pudesse avaliar o progresso em idéias teológicas e conhecimento bíblico havido nela por meio de seus sermões. Está ele desempenhando eficazmente seu papel como *ensinador*?

A pregação planejada *estimula a erudição do pregador*. Disciplina a sua leitura da mesma forma que a leitura planejada dá melhor substância à pregação. Ele julgará necessário incluir na escala de seus sermões muitos assuntos que requerem cuidadoso estudo e pesquisa. Se é consciencioso, achará necessário, com certa freqüência, pregar sobre assuntos que talvez não ousasse pregar. Além disso, será mais cuidadoso, não ousando pregar sem a necessária exatidão. Sabe, com antecedência, os pontos que exigirão leitura mais acurada e assim apresentará o assunto de forma mais segura e erudita. Fará pregações de alto nível para proveito de todos, e abandonará a rotina.

A pregação planejada *acrescenta a dimensão de informação*. Que é isso? É verdade que o sermão deve ser inspirador. Isto é, deve tocar as emoções e a vontade do ouvinte de modo que ele sinta a necessidade de tomar uma decisão e agir segundo ela. Esta reação, contudo, será fortalecida, e muito, se o sermão contiver informações — informações exatas, eruditas e apropriadas — e não simplesmente uma voz emotiva ou chorosa, ou ainda uma ilustração tocante.

A pregação planejada *evita a pregação de uma tecla*. Com freqüência o púlpito de pregadores rotineiros tem sido jocosamente comparado ao quadro de Watts que apresenta conhecida figura, de olhos vendados, sentada em cima do mundo, tangendo uma harpa que só tem uma corda. Sem cuidadoso planejamento a pregação tangerá uma só corda, ou uma só tecla como se diz comumente, espécie de passatempo ou veneta do pregador. O Evangelho tem muitas cordas que devem ser tangidas se o pre-

gador tem fôlego e vivacidade, e compreende sua plena riqueza.

O mais poderoso argumento em favor da pregação cuidadosamente planejada é que ela proporciona *compreensão*. Algo que foi previamente pesado e medido oferece maior clareza. Isto é o contrário da pregação de "uma só tecla". Aqui o pregador pode ter uma visão retrospectiva de seu total rendimento sermônario. Pode ver não somente os temas que estão recebendo demasiado tempo, mas também aqueles outros importantes mas inadvertidamente omitidos. E nisto verá que todos os elementos do Evangelho tem um lugar na pregação para o ano.

Isto no que tange ao plano de pregações a longo prazo. E que dizermos da maneira de organizar este plano?

Uma rápida análise revela sete ou oito temas básicos para os quais se deve dirigir nossa pregação. (É possível que alguém chegue a conclusão diferente neste sentido. Os resultados básicos, entretanto, serão os mesmos).

Primeiro: *aspectos teológicos*. Todo sermão tem um fundamento doutrinário sobre o qual é construído, mas no ministério de ensino há, pelo menos, meia dúzia de sermões por ano que se devem centralizar num aspecto teológico definido, por exemplo, "A Pessoa de Cristo," "O Significado da Graça," "A Doutrina da Trindade."

Segundo: *estudo bíblico*. Por outro lado, nossa pregação tem origem e fundamento bíblicos qualquer que seja o assunto, mas num ano sermões devem referir-se a estudos bíblicos específicos. Heverá sermões extraídos de certos livros com o fim de relacionar a congregação com a mensagem, sermões exegéticos extraídos de grandes capítulos, e, de quando em quando, sermões que abranjam grandes setores da Bíblia.

Terceiro: *educação dos membros*. O cristão moderno necessita contínua educação quanto ao significado da igreja e suas responsabilidades como membro dela. Temos uma instituição que precisa ser mantida viva e forte, orientada e corrigida pela pregação. O Corpo de Cristo em operação no mundo tem muitas responsabilidades. Coisas importantes devem ser ditas a este respeito. "Reforma do Domingo", "Cada Membro um Evangelista", e outros sermões educativos para os membros.

Quarto: *problemas pessoais*. Embora, por vezes, critiquemos os cultos que promovem a paz do espírito, não devemos passar por alto as agudas necessidades que os motivam. Temos que pregar a pessoas que têm sérios problemas pessoais. Escolhamos uns poucos de nossos sermões, cada ano, para tratar destes problemas do ponto de vista da fé cristã. Como poderá haver genuíno livramento da ansiedade sem o entendimento da justificação pela fé?

Quinto: *ética cristã e problemas sociais*. Eis os grandes temas que nos vem dos jornais, os prementes e controvertidos problemas sociais e políticos de nosso tempo. Naturalmente, temos de tratá-los em nossa prédica. Por serem controvertidos — e como a controvérsia é apaixonante — este campo nos pode tentar a gastarmos nê-le todo nosso tempo. Com efeito, êle pode ser omitido pelo pregador tímido ou usado por outro para disfarçar uma pregação superficial. Lembremo-nos de duas importantes orientações ao pregar sôbre pontos controvertidos. Para se ter resultado, a congregação deve conhecer o pregador, e crer que êle é equilibrado mesmo nas controvérsias. E o pregador precisa estar bem informado do que vai dizer.

Sexto: *temas devocionais*. Temos aqui a educação no sentido de adoração, e como adorar. Pode incluir as meditações de nossos devocionários.

Sétimo: *pregações sôbre o viver cristão*. É digno de nota que enquanto Paulo tratava dos problemas básicos da fé cristã, ocasiões havia em que tinha de entender a fé como aplicada diretamente à vida diária. Alguns sermões corretamente omitem o “sólido alimento” e tratam do viver diário do cristão no lar, na vizinhança e no local de trabalho.

Oitavo: *a missão mundial da igreja*. Este ponto não devemos omitir. Com efeito, é este um tema que o púlpito moderno mais e mais, nestes tempos de interêsses mundiais, precisa trazer para a área de interêsse dos cristãos.

Com êstes pontos básicos como guia, chegamos ao passo seguinte que é o preparo da tabela de sermões.

Tomo os tópicos de sermão que acumulei e os classifico de acôrdo com um dêstes oito temas básicos. Pode haver duzentos ou trezentos dêstes tópicos coligidos num longo período de tempo, provindos de estudos bíblicos, leitura, geral observação ou por qualquer outra maneira que o Espírito falar. A seguir os tópicos são selecionados ou escolhidos os que me afiguram mais imperiosos de serem pregados. Alguns temas exigem mais tempo que outros, mas, de modo geral, deve haver equilíbrio, e certamente todos os temas devem ser incluídos na lista.

Êstes tópicos escolhidos são a seguir trabalhados e incluídos na escala de sermões para o ano, ao mesmo tempo que se considera o calendário eclesiástico. Êste calendário inclui, no mínimo,

temas sôbre o Advento, o Natal, Quaresma, Páscoa. Nas igrejas litúrgicas, o calendário deve ser seguido mais completamente. Mesmo na ocasião da Trindade (*) haverá oportunidade para considerável variedade em pregação.

No que se refere ao ano secular, aproveitar-se com parcimônia de temas como o Dia das Mães (para realçar a vida espiritual do lar e da família), o Domingo da Confraternização das Raças. Poderá haver o perigo de o ano secular predominar nas pregações de modo a influir nas prédicas domingueiras, prejudicando os grandes temas do Evangelho.

O Advento e a Quaresma são épocas que conduzem a uma série de sermões intimamente relacionados com êstes assuntos. Tive crescente demonstração de que a congregação onde prego gosta de séries de sermões. Dessa forma sempre arranjo uma ou duas pequenas séries de sermões, em outros períodos do ano. Isto é contrário ao que me ensinaram no seminário, onde se aconselhavam aos estudantes a não darem importância a séries de sermões. Estou agora ciente de que algumas das mais importantes pregações que tenho feito e despertaram o maior interêsse, foram as séries.

Em tudo isto se deve reconhecer claramente que o planejamento e preparo de sermões é um procedimento muito individualista. Cada pregador desenvolve seus hábitos próprios de trabalho. Um pregador amigo, estudando o planejamento a longo prazo de sermões, disse-me que, para êle, seria totalmente impossível, proceder como faço. Sem dúvida isto é verdade. Contudo temos um objetivo comum que é dar força e vigor aos púlpitos de nossas igrejas.

De qualquer modo há hoje um reavivamento da religião, e certamente há mais pessoas ouvindo o que a igreja cristã tem para dizer. Isto significa tanto oportunidade como responsabilidade. O pregador moderno precisa anunciar o Evangelho com eficácia. E não o pode fazer sem cuidadoso planejamento.

Como Pasteur certa vez disse a seus ajudantes no laboratório:

— Planejem do modo que quiserem, contanto que o façam bem.

(*) Extraído do *Pulpit Digest*, de abril de 1960. O autor é membro da Igreja Congregacional, denominação evangélica que tem certa liturgia e observa determinado calendário de datas religiosas.

“Lembrai-vos de que o que toma a posição de crítico, enfraquece grandemente as próprias mãos. Deus não constituiu dever de nenhum homem, de mulher alguma, criticar seus coobreiros.” — *Review and Herald*, 2 de setembro de 1902.

A Igreja Verdadeira

G. F. EBINGER

Pastor da Igreja de Uruguiana



DEU S tem uma só igreja verdadeira. Efés. 4:4-6.

Está fundada sobre Cristo, os profetas e apóstolos. Efés. 2:20-22.

Com a pureza de sua doutrina saiu para vencer. Apoc. 6:2.

O evangelho foi pregado em todo o mundo. Col. 1:23.

A doutrina da igreja apostólica que constitui a pureza do evangelho:

1. Creram em Deus Pai.
2. Creram em Deus Filho — Jesus Cristo como único Salvador.
3. Creram e receberam o Espírito Santo.
4. No perdão dos pecados.
5. Na inspiração das Sagradas Escrituras.
6. Na conversão ou no novo nascimento.
7. Que pela fé Cristo habita no coração do crente.
8. No trabalho sacerdotal de Cristo no Santuário celeste.
9. Que o homem é mortal por natureza.
10. No sono da morte.
11. Na ressurreição dos mortos, tanto dos justos como dos ímpios.
12. Na destruição eterna de Satanás e dos ímpios.
13. No batismo por imersão.
14. Na ordenança da Santa Ceia.
15. Na ordenança do Lava-pés antes da Ceia.
16. No dízimo e nas ofertas voluntárias.
17. Na justificação e justiça pela fé.
18. Na santificação pelo Espírito Santo.
19. Na simplicidade no vestir.
20. Na abstenção das práticas mundanas (divertimentos, jogos, bailes, etc.)
21. Na cura divina.
22. No ministério dos santos anjos.
23. No privilégio e poder da oração.
24. Na liberdade de consciência — separação da igreja do Estado.
25. Na divina lei moral dos Dez Mandamentos.
26. No sétimo dia como o sábado do Senhor nosso Deus.
27. Na instituição do casamento.
28. Nas profecias bíblicas.
29. Na temperança aplicada ao comer e beber (reforma da saúde).
30. Nos dons espirituais, inclusive o Espírito de Profecia.

31. No estudo da Palavra de Deus.

32. Numa definida organização da igreja.

33. No trabalho pessoal por parte de cada membro.

34. Na segunda vinda de Cristo, pessoal e visivelmente.

35. Num Milênio por vir.

36. Numa nova Terra, o lar dos remidos.

Estas doutrinas constituem a pureza do evangelho.

Cavalo Vermelho. Apoc. 6:4. Anos 100-322 A.D.

O ministério da iniquidade já está operando, diz Paulo. II Tess. 2:7.

Cavalo Preto. Apoc. 6:5 e 6. Anos 322-538 A.D.

Com a conversão aparente de Constantino entrou para a igreja cristã toda a sorte de superstição, idolatria e paganismo, como sejam: Ano 270 — Origem da vida monástica no Egito, por Santo Antônio.

Ano 370 — Culto dos santos, professado por Basílio de Cesaréia e Gregório Nazianzeno. Primeiros indícios do turíbulo, paramentos e altares nas igrejas — usos introduzidos pela influência dos pagãos convertidos.

Ano 400 — Orações pelos mortos e sinais da cruz feitos no ar.

Ano 500 — Origem do Purgatório, por Gregório o Grande.

O tempo entre a conversão de Constantino e o estabelecimento da igreja de Roma é considerado o tempo de cego fanatismo e de superstição de toda a sorte. Neste tempo foi estabelecido também o decreto da santificação do domingo em lugar do sábado. Isto sucedeu no ano 331 A.D.

Cavalo Amarelo. Apoc. 6:8. Anos 538-1798 A.D.

— Domínio papal.

Lançou a verdade por terra. Dan. 8:12 ú.p. A cor amarela significa: Decomposição, morte, definhamento, terrível tempo da inquisição e corrupção inominável. No século VII, proibição rigorosa da observância do sábado.

Ano 606 — Usurpação da primazia definitiva do Papa Romano pelo assassinio do Imperador Focas, depois do segundo Concílio de Constantinopla.

Ano 609 — Culto da Virgem, por Bonifácio

IV. Invocação dos santos anjos, definitivamente estabelecida por lei na igreja.

Ano 670 — Celebração da Missa em latim (língua desconhecida do povo), pelo Papa Vitélio.

Ano 758 — Confissão auricular, introduzida pelos religiosos do Oriente.

Ano 787 — Culto das imagens, ordenado pela igreja no 2º Concílio de Nicéia. (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 733.)

Ano 787 — Culto da cruz e das relíquias, pelo mesmo Concílio.

Ano 880 — Canonização dos santos, por Adriano II.

Ano 998 — Festa dos defuntos, estabelecida por Odilon, abade de Cluny.

Ano 998 — Quaresma.

Ano 1000 — Cânon da Missa.

Ano 1074 — Celibato do Clero, por Gregório VII.

Ano 1095 — Indulgências plenárias, por Urbano II.

Ano 1125 — Entre os cônegos de Leão aparecem as primeiras idéias da Imaculada Conceição de Maria. São Bernardo combate-as.

Ano 1164 — Pedro Limbarde descobre os 7 sacramentos, quando Cristo só deixou 2.

Ano 1184 — O Concílio de Verona estabelece a Inquisição.

Ano 1200 — Dispensas.

Ano 1200 — Uso dos rosários, por S. Domingos, chefe da "Santa Inquisição".

Ano 1215 — Transubstanciação, pelo Concílio de Latrão.

Ano 1215 — O mesmo Concílio estabelece a confissão auricular.

Ano 1220 — Adoração da hóstia, por Inocência III.

Ano 1264 — Festa do sagrado coração, instituída por Urbano IV.

Ano 1311 — Procissão de S. S. Sacramento e a oração da Ave-Maria.

Ano 1414 — O Concílio de Basiléia define a comunhão em uma só espécie. O uso do cálice fica sendo só para os sacerdotes.

Ano 1563 — O Concílio de Trento define que a tradição vale tanto como a Palavra de Deus.

Ano 1563 — O mesmo Concílio aceita como canônico os livros apócrifos.

VERDADE BÍBLICA

CAVALO

BRANCO

100

CAVALO
VERMELHO

322

CAVALO
PRÉTO

538

CAVALO
AMARELO

REFORMA

WYCLIFFE

OBEDIÊNCIA

HUSS

1369

FÉ

LUTERO

1483

ELEIÇÃO
BÍBLICA

CALVINO

1533

JUSTIFICAÇÃO

WESLEY

1729

IDADE ES

Ano 1854 — O Papa Pio IX define como dogma a imaculada Conceição da Virgem.

Ano 1870 — O Concílio do Vaticano declara como dogma a infalibilidade do Papa.

"Roma Locuta Finita Est Causa". (Roma falou, não se discute mais.)

"Adoram-Me, porém, em vão, ensinando doutrinas que são preceitos de homens." S. Mat. 15:9.

"Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente dos homens, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fôra restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas côrtes de palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus

colocou teorias e tradições humanas. . . . Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo conquanto parecesse suplantado tornou-se vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.

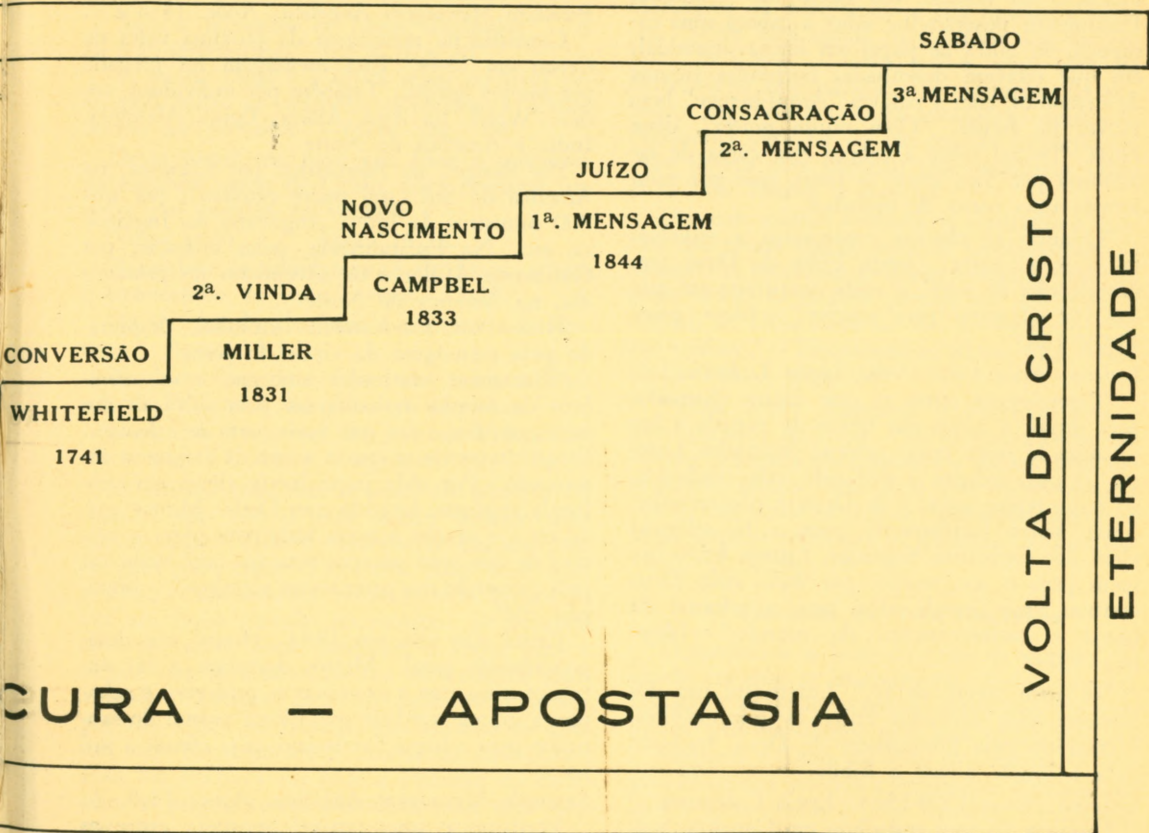
"Aquêle gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás — monumento de seus esforços para sentar-se sôbre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade." — *O Conflito dos Séculos*, págs. 49 e 51.

"A fim de Satanás manter o seu domínio sôbre os homens e estabelecer a autoridade humana, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras." — *Idem*, pág. 52.

"Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a considerar-se supremo, só podemos esperar fraudes, enganos e aviltante iniquidade. Com a elevação das leis e tradições humanas, tornou-se manifesta a corrupção que sempre resulta de se pôr de lado a lei de Deus." — *Idem*, pág. 57.

Surge a Reforma Conforme a Profecia. Apoc. 11:12 — "Subi cá".

SÁBADO



Reforma por Wycliffe. Anos 1324-1384. Igreja Anglicana — Inglaterra.

“No século XIV surgiu na Inglaterra um homem que devia ser considerado ‘a estrêla da manhã da Reforma’. João Wycliffe foi o arauto da Reforma, não sòmente para a Inglaterra mas para tòda a cristandade. O grande protesto contra Roma, que lhe foi dado proferir, jamais deveria silenciar. Aquêle protesto abriu a luta de que deveria resultar a emancipação de indivíduos, igrejas e nações.” — *Idem*, págs. 85 e 86.

“A maior obra da vida de Wycliffe deveria ser a tradução das Escrituras para a língua inglesa.” — *Idem*, pág. 93.

“Seus seguidores, conhecidos como wycliffitas e lolardos, não sòmente encheram a Inglaterra, mas espalharam-se em outros países, levando o conhecimento do evangelho.” — *Idem*, pág. 100.

Huss. Anos 1369-1415. Teve por companheiro Jerônimo.

Corajoso e destemido enfrentou o poder das trevas. Condenado à morte.

“Pronunciada a sentença, iniciou-se a cerimônia da degradação. . . As vestes foram removidas uma a uma, pronunciando cada bispo uma maldição ao realizar sua parte na cerimônia. Finalmente ‘puseram-lhe sòbre a cabeça uma capruça, ou mitra de papel em forma piramidal, em que estavam desenhadas horrendas figuras de demônios, com a palavra “Arqui-herège” bem visível na frente. “Com muito prazer”, disse Huss, “levarei sòbre a cabeça esta coroa de ignomínia por Teu amor, ó Jesus, que por mim levaste uma coroa de espinhos’.”

“Quando as chamas começaram a envolvê-lo, pô-se a cantar: ‘Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim’, e assim continuou até que sua voz silenciou para sempre.” — *Idem*, págs. 115 e 116.

Lutero. Anos 1483-1546. Igreja Luterana.

“Preeminente entre os que foram chamados para dirigir a igreja das trevas do papado à luz de uma fé mais pura, acha-se Martinho Lutero. Zeloso, ardente e dedicado, não conhecendo outro temor senão o de Deus, e não reconhecendo outro fundamento para a fé religiosa além das Escrituras Sagradas, Lutero foi o homem para o seu tempo; por meio dêle Deus efetuou uma grande obra para a reforma da igreja e esclarecimento do mundo.” — *Idem*, pág. 127.

“O justo viverá da fé.” Lutero foi um dos homens mais corajosos entre os reformadores. Preservado pela providência de Deus, traduziu para a língua alemã a Bíblia.

Calvino. Anos 1509-1564. Igreja Calvinista.

Durante 30 anos trabalhou em Genebra, Suí-

ça, fazendo um grande trabalho para Deus. (Eleição Bíblica.)

Wesley. Anos 1703-1791. Seu tema: A justificação. Pai da igreja Metodista.

No seu trabalho foi muitas vèzes miraculosamente salvo por Deus. Trabalhou junto com Whitefield. Wesley defendeu ardorosamente a lei de Deus como válida. (Ver *O Conflito dos Séculos*, págs. 273 e 274.)

Whitefield. Anos 1714-1770. Trabalhou junto com Wesley. Seu tema foi: Conversão.

Miller. Anos 1782-1849. O grande reformador americano.

Estudou com interêsse as cronologias da Bíblia. Estudou a profecia das 2.300 tardes e manhãs. Era batista, e no ano de 1833 recebeu licença para pregar. (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 343.) Foi um eloqüente orador, provando tudo pela Bíblia. Muito estudioso. Pregou a vinda de Cristo em 1844. Foi o precursor das três últimas mensagens. A explicação do tempo ensinada por êle estava correta, mas não o acontecimento pregado por êle. Houve desapontamento por parte de muitos.

Campell. Fundador da igreja dos Discípulos de Cristo, ou Campelistas. Nos seus ensinamentos procurou imprimir um claro “assim diz o Senhor”. É uma fusão de batistas e presbiterianos.

Primeira Mensagem Angélica. Apoc. 14:6 e 7.

Consistia na mensagem da próxima volta de Cristo em 1844. Esta mensagem foi pregada por muitas igrejas. Também por indivíduos, como: Wolff, na Ásia, África, Egito, Abissínia, Índia e América do Norte.

Por Bengel, na Alemanha; por Lacunza, na América do Sul (um padre católico); por uns 700 ministros da Igreja Anglicana na Inglaterra, etc. Na Escandinávia, pelas crianças; por Guilherme Miller e os adventistas do primeiro dia, na América do Norte.

Houve um reavivamento mundial, despertado pela mensagem da vinda de Jesus.

“Fizeram-se confissões sinceras, e os membros da família trabalhavam pela salvação dos mais queridos e dos que mais perto se achavam. Frequentemente se ouvia a voz de fervorosa intercessão. Por tòda parte havia almas em profunda angústia, lutando com Deus. Muitos passavam em oração a noite tòda para obter a certeza de que seus pecados estavam perdoados, ou pela conversão dos parentes ou vizinhos.” — *Idem*, pág. 399.

Cristo não veio em 1844. Houve um desapontamento geral. Muitos deixaram a fé; outros continuaram a examinar as profecias, e acharam a grande verdade que Cristo passou do santuário para o lugar Santíssimo, para efeuar o juízo.

Segunda Mensagem Angélica. Apoc. 14:8.

Verificou-se uma terrível apostasia entre as

igrejas protestantes nominais. Tiveram uma bela oportunidade de se porem ao lado da verdade, sondar a Palavra de Deus, achar novas verdades, e preparar um povo para a vinda de Jesus. "Caiu Babilônia." "Sai dela, povo Meu."

"Aquê que deliberadamente abafa as convicções do dever, pelo fato de se achar êste em conflito com as tendências pessoais, perderá finalmente a facultade de discernir a verdade do erro." — *Idem*, pág. 409.

"Rejeitando a advertência do primeiro anjo, desprezaram os meios que o Céu provera para a sua restauração. . . Eis aí a causa da terrível condição de mundanismo, apostasia e morte espiritual, que prevalecia nas igrejas em 1844." — *Idem*, pág. 411.

Os fiéis que ficaram, pesquisavam as Escrituras e foram achando cada vez mais luz e novas verdades. O sábado entrou no seu devido lugar como dia de descanso, e surgiram com isso os Adventistas do Sétimo Dia. No momento em que a lei de Deus foi novamente respeitada, surgiu, em conexão, o Espírito de Profecia para ajudar a organizar o maior movimento mundial, com uma mensagem para todo o mundo.

Terceira Mensagem Angélica. Apoc. 18:4. "Sai, dela, povo Meu", etc.

"Terra iluminada com a glória de Deus." Apoc. 18:1 e 2.

"Sela a lei entre os Meus discípulos". "A lei e ao testemunho." Isa. 8:16 e 20.

"A lei de Deus é a única regra infalível pela qual tôdas as opiniões, doutrinas e teorias devem ser provadas." — *Idem*, pág. 490.

Devia surgir um povo que fôsse o precursor da segunda vinda de Cristo, para preparar um povo que andasse na verdade.

"Aqui estão . . ." Apoc. 14:12.

"Guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus." Apoc. 12:17.

"O testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia." Apoc. 19:10.

Nenhum dom deve faltar, dos quais o Espírito de Profecia é um dos mais preciosos.

Onde está êste povo? No livro de *Vida e Ensinos*, pág. 57, lemos o seguinte:

"Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: 'Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.' Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado em um lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás dêles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o 'clamor da meia-noite'. Essa luz brilhava em tôda a extensão do caminho, e proporcionava claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem."

"Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus'. Apoc. 14:12. Essa é uma mensagem distinta, separada — mensagem que não deve dar somido incerto. Deverá ela guiar, desviar um povo das cisternas rôtas que não contêm água, para a infalível Fonte da água da vida." — *Testemunhos Seletos*, (Ed. Mundial), Vol. 3, pág. 151.

"Deus está guiando um povo para fora do mundo, sôbre a exaltada plataforma da eterna verdade, dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus. Êle há de disciplinar e adaptar Seu povo. Não estarão em discórdia, um crendo uma coisa e outro tendo fé e pontos de vista inteiramente opostos, cada um movendo-se independentemente do corpo. Por meio da diversidade de dons e governos que Êle colocou na igreja, todos chegarão à unidade da fé." — *Testimonies*, Vol. 3, pág. 446.

A igreja de Deus na Terra tem que concordar com tôdas as doutrinas da igreja fundada por Cristo. Onde está a igreja.

Convém recapitular, a esta altura, os dados mencionados no início do artigo.

"Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalhas e portadores de luz. A êles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sôbre êles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem êles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção.

"As mais solenes verdades já confiadas a mortais nos foram dadas, para as proclamarmos ao mundo. A proclamação dessas verdades deve ser nossa obra. O mundo precisa ser advertido, e o povo de Deus deve ser fiel ao legado que se lhe confiou." — *Testemunhos Seletos*, (Ed. Mundial), Vol. 3, pág. 288.

"Nossa única segurança é ficarmos com o povo peculiar de Deus. Não devemos ceder nenhuma polegada aos costumes e modas dêste degenerado século; mas ficar em independência moral, não tendo nenhuma contemporização com suas práticas corruptas e idólatras." — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 78.

O Chamado da Hora Undécima

"Aproxima-se a hora da crise do mundo. O estado em que se encontra êle, ferido, convulsionado e enfêrmo, constitui como que um apêlo aos seus habitantes para que sejam piedosos e busquem a Deus de todo o coração. O próprio Deus nos convida a erguer-nos e proclamarmos a todo o mundo um Salvador crucificado, ressurgido e prestes a voltar. Neste final movi-

Inspirando Jovens a Abraçarem o Ministério

H. CARL CURRIE

Presidente da Missão Taivana

UM dos maiores problemas que praticamente todos os campos missionários enfrentam é encontrar jovens qualificados que correspondam ao chamado para o ministério. A atmosfera materialista que envolve o mundo e se mostra na igreja é a raiz do problema. O materialismo — narcótico para a vida espiritual da igreja e do indivíduo — tem levado muitos de nossos mais promissores jovens a abraçarem outras profissões em vez de atenderem ao chamado divino para o ministério.

A Sra. Ellen G. White faz esta declaração: “Que os nossos moços não sejam descoroçados de entrar no ministério. Há perigo de que, mediante brilhantes representações, alguns sejam desviados da vereda que Deus os convida a trilhar. Alguns têm sido animados a tomar um curso de estudos no ramo médico, quando deveriam estar-se preparando para entrar no ministério.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 63. Notemos estas palavras: “Alguns têm sido animados” não para entrarem no ministério mas para outros ramos da obra. Necessitamos médicos, enfermeiras, professores e técnicos, mas há perigo em animar jovens para preferirem êstes ramos da obra, jovens que têm sido chamados por Deus para o ministério.

Alguém poderá pensar: “Se é Deus quem chama os homens para entrarem no ministério, porque se torna necessário animá-los e inspirá-los a aceitar o chamado? Se são realmente chamados, não corresponderão por si mesmos?” Conta-se a história de um jovem, em Londres, que se achava perplexo quanto ao seu futuro e dirigiu-se a Spurgeon em busca de conselho. Sem hesitar, perguntou:

— O senhor acha que devo ser um pregador?

mento de reforma, tôdas as verdades que se perderam ou perverteram devem ser restauradas. Erros e enganos devem ser desarraigados, e o grandioso evangelho antigo, em tôda a sua plenitude e simplicidade, deve ser proclamado ‘no espírito e virtude de Elias.’”

Não sejamos desobedientes à “visão celestial”. Cumpre-nos estudar as Escrituras Sagradas para compreendermos a mensagem divina.

Ao que o venerando homem de Deus respondeu:

— Não, se pode evitar de o ser.

Necessidade de Estímulo

Esta resposta pode justificar-se sob certas circunstâncias, mas falando de modo geral, nossos jovens carecem de conselho e orientação e, sobretudo, estímulo, quando pretendam aceitar o chamado de Deus para o ministério. Lemos: “Vi que Deus colocou sobre seus ministros escolhidos o dever de decidirem quem é apto para a obra santa.” — *Testimonies for the Church*, Vol. 1, pág. 209. É esta uma responsabilidade tremenda. Talvez estivemos a esperar que os jovens se dirigissem a nós para dizer-nos que foram chamados por Deus, quando devíamos nós ir até êles.

Na maior de tôdas as conversões, a de Saulo de Tarso, Deus confiou a um dos líderes da igreja de Damasco o revelar a Saulo que êle fôra chamado por Deus para o ministério. Muitos jovens hoje em dia, em nossas igrejas, estão aguardando por êste mesmo conselho.

Os homens não nascem ministros. Falando disto, Paulo diz em Efésios 3:7: “Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus.” Os pastôres se tornam tais pela graça de Deus. Isto não depende unicamente do talento e da capacidade. Quando Deus se apossa de um homem, êle refaz êste homem.

Como se demonstrou anteriormente, a raiz do problema é o materialismo; há, porém, outros fatores que contribuem para manterem muitos de nossos mais esperançosos jovens fora do ministério. Em muitos campos missionários, o ministério não tem sido exaltado aos olhos do nosso povo como Deus queria que o fôsse. Falando por meio de Sua serva, diz o Senhor: “A mais elevada de tôdas as obras é o ministério, em seus vários ramos, e deve ser mantido sempre presente no espírito dos jovens que não há obra mais abençoada por Deus do que a do ministro evangélico.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 63. Nossa falha em exaltar êste ponto perante nossa mocidade e seus pais fez com que muitos ministros em perspectiva abraçassem outros ramos do trabalho.

Triste é dizê-lo, mas há muitos hoje no ministério que não se constituem exemplo e inspiração que deviam ser para nossos jovens. O resultado é que muitos de nossos moços dizem: "Se o ministro é isso que vejo, então não pretendo ser ministro." Em anos que se foram, alguns foram admitidos despreparados e sem suficiente dedicação, sem consagração para compensar a falta. E com o passar dos anos não foram capazes de acompanhar os tempos que mudavam. É imperioso que nossos ministros obtenham a melhor educação nos campos em que vivem, e tenha as mesmas oportunidades para a educação avançada que se provê aos que se acham em outros ramos da obra missionária. Com normas corretas para o ministério, teremos muitos mais de nossos talentosos jovens atendendo ao chamado divino de "pregarem ao mundo."

A Atitude do Pastor

Uma das mais fortes influências em ajudar um jovem a decidir-se a favor ou contra o ingresso no ministério é a atitude de seu pastor para com o ministério. Está êle absolutamente certo de que Deus o chamou para o ministério? Mantém êle comunhão pessoal, diária e viva com seu Deus e Salvador? Conhece e entende a emoção de ser "pescador de homens"? Regozija-se o ministro em seu trabalho ou êste lhe é penosa carga? Se o relógio do tempo pudesse voltar atrás, ainda aceitaria êle o chamado para o ministério? Se a resposta é Sim a tôdas estas perguntas, então podemos estar certos de que Deus pode usar êste pastor para inspirar jovens a entrarem neste ramo de Sua obra.

É de suprema importância que o pastor ensine aos jovens sob seus cuidados, como "pescar homens." Se o jovem uma vez sentir a emoção de uma "pesca", será muito mais fácil ajudá-lo a reconhecer o chamado de Deus quando vier. Ao primeiro homem a entrar para o ministério Jesus disse simplesmente: "Segui-me, e Eu vos farei pescadores de homens." Já haviam visto a Jesus; já O conheciam, Êle possuía o que êles desejavam, e estavam preparados para abandonar tudo e segui-Lo. É esta a mesma confiança que nós, como representantes de Cristo na Terra, temos que comunicar aos jovens em nossas igrejas.

Muitos de nossos moços que deviam estar estudando para o ministério, encontram-se em outros ramos da obra porque nós, como ministros e ensinadores, deixamos de fazer nossa parte. Notemos esta impressionante declaração, extraída do livro *Fundamentals of Christian Edu-*

cation, págs. 113 e 114: "Há muitos que deviam tornar-se missionários, que jamais entram no campo, porque os que estão unidos a êles na posição da igreja ou em nossos colégios, não sentem a responsabilidade de trabalhar com êles, de abrir diante dêles os reclamos que Deus tem acima de todos os poderes, e não oram com êles e por êles; e o período momentoso que decide os planos e o curso da vida passa, e suas convicções são abafadas; outras influências e sugestões os atraem, e a tentação de buscarem posições mundanas que lhes trarão dinheiro, segundo pensam, os arrastam para a corrente do mundo. Êstes jovens podiam ser salvos para o ministério por meio de planos bem organizados. Se as igrejas, nos vários lugares, cumprirem seu dever, Deus cooperará com seus esforços pelo Seu Espírito, e suprirá o ministério de homens fiéis."

Razões Para a Rejeição do Ministério

Nesta impressionante declaração, há seis razões apresentadas por que estamos perdendo muitos de nossos melhores jovens que poderiam ir para o ministério. *Primeiro*, porque seus ministros e ensinadores não sentem a responsabilidade de trabalhar com êles. *Segundo*, não lhes mostramos o reclamo de Deus. *Terceiro*, não oramos com êles e por êles. *Quarto*, permitimos que outras influências e sugestões os atraiam. *Quinto*, devido a essa falta, predomina na vida dêles a tentação de buscarem posição mundana e dinheiro. *Sexto*, tem havido falta de planos bem organizados em dirigi-los para o ministério. Isto deve ser um desafio a cada pregador e ensinador a dispender esforços consagrados e de todo o coração no sentido de dirigir nossos jovens quando reconhecerem o chamado de Deus para êles, antes que se emaranhem na "teia do materialismo" de Satanás.

E como vimos na citação de *Christian Education*, é dever do pastor, do ensinador, dos líderes da igreja — sim, da igreja como um todo — ajudar nossos jovens a compreenderem a responsabilidade de atenderem ao chamado de Deus para darem a mensagem a um mundo perdido e condenado. Pela graça de Deus temos que capacitá-los a entenderem que "a maior obra, o mais nobre esforço em que se possam homens empenhar, é encaminhar pecadores ao Cordeiro de Deus." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 18.

Deve ser, com convicção, com franqueza, com grande responsabilidade pelas almas em nosso coração, que apelamos a nossos jovens e dizemos: "Não vos chamou Deus para fazer soar esta mensagem?" — *Idem*, pág. 64.



O Pastor Deve Dizer a Verdade

ARCHA O. DART

Secretário Assistente do Departamento de Educação do Lar e Pais, da Associação Geral.



— OS senhores viram papai? — perguntou seriamente um menino de quatro anos de idade.

— Penso que ele foi à cidade — respondeu um dos dois homens, fingindo seriedade.

— A última vez que o vi — acrescentou o outro — alguns companheiros o estavam tran-

cando no porão.

Com riso reprimido os dois pastôres continuaram andando para o refeitório, evidentemente despreocupados com a ansiedade do pequeno, como se nada tivessem a ver com isso. Ora, nenhum esforço de imaginação poderia levar alguém a julgar que êsses homens tivessem em mente um plano maligno ou estivessem inclinados ao mal. Nada disso.

O rapazinho, contudo, era criança demais para compreender que aquêles senhores estavam brincando. Estava enfrentando um problema muito sério. Não podia encontrar o pai, estava com fome, sendo hora de jantar. Que podia fazer? Achava-se num lugar estranho, tendo ao seu redor muitos rostos estranhos. Sentia-se solitário e desajudado. Queria ser corajoso, mas onde, oh, onde estava seu pai? Por fim viu um rosto que lhe era familiar. Um homem a quem conhecia. Correu para ele em busca de conforto, mas não recebeu auxílio algum. Sua pergunta jamais era respondida; sua perplexidade era tratada como brincadeira. Sua ansiedade agravou-se grandemente com as respostas que lhe davam. Um lhe havia dito que seu pai fôra à cidade, outro declarara que fôra trancado no porão. Ambos não podiam estar certos. Conquanto seu pai aparecesse logo mais, são e salvo, isto veio demonstrar que ambos os pastôres estavam errados. Podia o menino crer no próximo sermão que pregassem? Podia confiar em dirigir-se a eles na próxima vez que tivesse um problema? São todos os

pastôres iguais a êsses? Se um menino não pode crer num pastor, em quem pode crer?

A caçoada pode ser empregada de modo a acrescentar sabor e graça à vida, ou para trazer dúvidas, temores, e mesmo terror no coração das crianças. Um menino julgava que seu pai fôsse o maior homem na Terra, e não se importava que os outros o soubessem. Um pastor visitante, achando graça na exagerada opinião que a criança tinha de seu pai, começou a troçar dela, dizendo:

— Seu papai não é boa coisa.

Depois de algumas trocas de expressões, “É, sim”, “Não é, não”, a conversa derivou para outros assuntos e foi logo esquecida por todos — todos, menos o menino.

Muito tempo depois que o menino geralmente costumava dormir, sua mãe o encontrou choramingando sôbre o travesseiro.

— Queridinho, que há com você? Por que não está dormindo? — indagou a mãe.

— Papaizinho é bom, não é, mamãe? — estalou de seus lábios trêmulos.

A obra do pastor é tornar as pessoas felizes, não tristes; fortalecer o lar, não enfraquecê-lo; animar crianças a terem mais amor e respeito pelos seus pais, não menos. Jesus nos relembra ternamente nossa responsabilidade para com as crianças, ao dizer: “Tudo quanto fizerdes a um destes pequeninos, a Mim o fizestes.”

Crianças e indivíduos débeis mentais de forma alguma devem ser enganados. Naturalmente, os pregadores adventistas do sétimo dia, mais do que outros, jamais deveriam deliberadamente proferir uma falsidade a quem quer que seja, mas muitos pastôres pretendendo fazer o melhor que supõem, têm sido considerados como enganadores pelos mentalmente doentes. Por exemplo, nós como um povo empregamos tão livremente a linguagem simbólica “estamos já vivendo nos dedos do pé da imagem”, “esta mensagem será espalhada como fôlhas do outono”, que poderão causar dificuldades se toma-

das literalmente. Embora estas pessoas emocionalmente perturbadas usem, elas próprias e muito, linguagem figurada, podem ficar grandemente confusas quando a empregamos. "Fulano precisa de uma surra de Bíblia", pode levar alguém, débil mental, a colocar o Livro numa sacola e lenhar o lombo do Fulano. Estas pessoas necessitam da verdade simples e clara.

Se um membro da igreja necessita tratamento num hospital para doentes mentais, deve o paciente ser informado do fato ou enganado quanto a ida para lá? Seria aconselhável levar uma pessoa a crer que vós estais apenas levando-a para um alegre passeio em vosso novo carro, mas na verdade a estais conduzindo ao sanatório? Enganos desta espécie prejudicam o paciente e podem retardar-lhe a cura por semanas e mesmo meses. Muitos pacientes mentais se sentem tão inseguros e incertos que qual-quer cuidado médico especial, e que vós a espropende a agravar-lhes o estado. Muito melhor é dizer-lhes claramente — não com rudeza, mas francamente — para onde vai levá-lo e porquê. Com maneiras brandas podeis explicar que assim como uma pessoa que sofre do coração necessita de um cardiologista, também a moléstia dela requer cuidado médico especial, e que vós a estais levando ao lugar onde receberá o melhor auxílio para a enfermidade de que sofre.

Será maravilhoso se o pastor puder prestar a estas pessoas um pequeno "primeiro socorro," ou, pelo menos, saber o que fazer e o que deixar de fazer. Por exemplo: quando uma pessoa tem determinado problema emocional, é perda de tempo e de dinheiro dizer-lhe que deixe o trabalho, faça uma viagem e esqueça tudo. Distanciando-se de um problema jamais se soluciona, não importa quão distante possa ir, ou quanto tempo possa lá ficar. Animai-o a enfrentar os fatos e aceitar o inevitável, ou encontrar solução satisfatória. Observações como "Isto é imaginação sua", "Não ligue para a coisa", "Colabore", "Esqueça", são a mesma coisa que dizer a um homem que se afoga: "As águas são muito profundas aí; vai onde possam dar pé," ou "Suba aqui para a terra seca onde estou, e tudo estará bem para você." É bem verdade que tudo isto é bom, mas a vítima está fazendo o máximo que pode para o conseguir, mas sem resultado. Precisa de auxílio.

Que espécie de primeiro socorro benéfico pode prestar o pastor? Há uma pessoa que tem

orado muito e muito pelo perdão dos pecados mas sente que êles ainda estão registrados contra ela, e o estarão até que faça pública confissão de todo o mal secreto. Explicamos muito simplesmente e de modo a não deixar dúvidas que o pecado é mortal, não importa a forma que assuma. A fim de têmos o pecado removido de nossa vida temos que seguir implicitamente as instruções do Grande Médico. A moléstia não se cura atribuindo-a a outrem. Nem o pecado secreto se erradica da alma pela confissão pública. Os atos públicos de desobediência que possam afetar a outros têm que ser confessados publicamente, mas os pecados secretos devem ser confessados somente a Deus. Depois de terem sido perdoados os nossos pecados, Deus nos diz que não mais Se lembrará deles; portanto, não devemos insistir no perdão de pecados já confessados. O pastor deve informar às pessoas que Satanás é o único que faz voltar à nossa mente pecados e erros já confessados. Cumpre-nos resistir ao diabo.

Nosso povo deve ser informado com exatidão sobre a pessoa crítica, que perdeu a confiança nos irmãos, que está sempre encontrando faltas em outros, revelando pecados alheios. Estas pessoas estão anunciando as próprias fraquezas e deficiências. O bisbilhoteiro raras vezes fala de pecados e erros que êle próprio não tenha. Por conseguinte, quem constantemente aponta os que buscam cargo é geralmente um buscador de cargo. Como prova podemos citar Romanos 2:1. Este fato é bem conhecido dos estudantes de Psicologia. A ocasião mais oportuna de relacionar nosso povo com êste conhecimento é numa declaração pública no início do ministério de alguém num distrito.

Outro fato que nosso povo deve conhecer é que o cristão é feliz, animoso e contente. Pessoas irritáveis, desconfiadas, invejosas, ciumentas não podem ser felizes ou estarem contentes. Os que pensam nos outros, oram em favor de outros, trabalham pelos outros, têm muita alegria e plena felicidade.

O desanimado deve saber que nenhum pensamento desalentador jamais vem do Céu. Satanás é o pai de todo o desânimo. Deus, porém, é onipotente. Seus filhos terão êxito; Seu reino permanecerá para sempre.

Sim, o pastor deve dizer a verdade. "A verdade vos libertará."

"Há para a mulher uma obra mais importante ainda e mais enobrecedora que os deveres do rei em seu trono. Cabe-lhes moldar o espírito de seus filhos e afeiçoar-lhes o caráter, de modo que venham a ser úteis neste mundo, e a tornarem-se filhos e filhas de Deus." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 411.



Evangelismo Infantil Desfaz Preconceitos e Ganha Adultos

MANUEL BANQUÊ

Evangelista da Associação Espírito-Santense



GERALMENTE nas séries de conferências, as crianças causam certo número de problemas:

1. Ocupam os lugares da frente.
2. A mensagem da noite é quase sempre além da compreensão delas.

3. Por não apreenderem a conferência, tornam-se irrequietas e conseqüentemente perturbam os demais.

4. Esse desassossêgo distrai os que procuram ouvir.

Por que não empregámos a técnica evangelística usada por Jesus, ao dizer em S. Mateus 19:14: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a Mim; porque dos tais é o reino dos Céus."

Jesus amava as crianças, e apreciava-lhes a sinceridade e a dedicação. Frequentemente Se servia de crianças para ilustrar importantes verdades espirituais.

Ao dizer Jesus: "não os estorveis", nos adverte a lhes dispensarmos a devida consideração no lar, na escola, na igreja — e nas séries de conferências, porque, por vêzes, sua influência é fator decisivo no trato com os adultos.

Tive recentemente o privilégio de realizar uma série de conferências em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. O local das reuniões era um novo subúrbio onde viviam cerca de 10.000 pessoas. Empregámos os costumeiros processos de propaganda, a distribuição de convites de casa em casa.

Aos membros da igreja se confiou a maior parte do trabalho de preparação para as reuniões. Antes de tudo, separámos um mês inteiro para confissão de pecados e reconsagração. Depois os grupos saíam e distribuíam literatura, receptionistas eram treinadas, e o côro local dispendeu muito tempo no preparo de

músicas para a série de conferências. Impressionou-se a igreja no sentido de que o êxito ou fracasso das conferências estava em suas mãos. Organizaram-se grupos de oração e todos durante as treze semanas das conferências se comprometeram a orar, de modo que cada meia hora no dia alguém estava orando no momento aprazado pedindo as bênçãos de Deus. E o alvo foi estabelecido para um mínimo de cinquenta almas.

Com esta forte retaguarda, eu, o evangelista, pude enfrentar as reuniões sem temor, e levar a cabo o plano que me havia impressionado a executar, de ter as crianças a desfazer preconceitos nesse local.

Uma multidão regurgitante compareceu na primeira noite, e se fêz um anúncio de que na conferência seguinte haveria um serviço especial para crianças. Os pais foram solicitados a trazerem seus pequeninos com uma hora de antecedência, deixando-os na porta aos nossos cuidados. Ficámos jubilosos, na noite seguinte, ao encontrarmos o salão repleto de crianças.

Breves histórias bíblicas se contaram, intercaladas de hinos bem simples que as crianças pudessem aprender rapidamente e apreciar. Cada criança foi presenteadada com um cartão colorido contendo verso bíblico ao deixar, relutante, o salão.

Crescia a freqüência a cada reunião, e à medida que as crianças aprendiam os hinos e as histórias, as repetiam em seus lares. Os pais que não compareciam às conferências se tornavam interessados, e logo se tornou necessário iniciar um terceiro serviço, cada noite, após a conferência, para assistir os pais que começaram a frequentar tardiamente as reuniões evangelísticas.

Tomamos muito cuidado no planejar a seqüência dos tópicos para as conferências de modo que o interesse se despertou na mente dos ouvintes, e voltavam para aprender mais.

Depois de treze semanas de conferências, com

três reuniões noturnas em três noites por semana, mesmo no final, o salão continuava repleto, e muitos tinham que ficar na porta, nos corredores, nas janelas, por falta de espaço.

Duas cerimônias batismais já se fizeram e quarenta e uma almas foram sepultadas com Cristo. No apêlo feito após o batismo, mais noventa e nove pessoas assinaram declaração indicando seu desejo de descerem às águas no próximo batismo. Fizemos planos para os batismos se realizarem nas três ou quatro semanas após o encerramento da série de conferências, tendo os instrutores bíblicos tempo suficiente para o preparo dos candidatos, simultaneamente mais trezentas pessoas que necessitam visitas regulares.

Este subúrbio foi sacudido em consequência destas reuniões. Houve pedidos para se repetir certos temas. Fomos solicitados pelas autoridades constituídas lá residentes a edificarmos uma escola paroquial ali — o terreno seria doado pela cidade — porque, diziam, desejavam que o mesmo interesse demonstrado pelas crianças em nossas reuniões prosseguisse no ensino primário. O delegado de polícia e vereadores nos expressaram gratidão pela paz e ordem que agora imperam naquele distrito desde que se realizaram as conferências. A polícia recomendou a certos desordeiros e ébrios da comunidade que comparecessem às nossas reuniões e mudassem seu caminho — e eles logo perceberam que reuniões iriam freqüentar — porque seus filhinhos estiveram a cantar os hinos e a contar-lhes as histórias no lar. Pela graça de Deus, muitos deles se converteram.

Não dispomos aqui de espaço para contarmos tôdas as emoções que tivemos em nosso evangelismo infantil. Entretanto, acrescentaremos que certas igrejas protestantes sentiram a necessidade de neutralizar o efeito das conferências. Depois de mandarem buscar três eminentes pregadores, das maiores cidades do país, tiveram de concluir suas reuniões pouco mais de uma semana depois em virtude do minguado comparecimento e falta de interesse. Pediram então a alguns de seus anciãos e diáconos que ficassem à entrada de nosso salão a fim de impedirem a entrada de seus membros às nossas reuniões. Muitos deles se tornaram interessados em nosso programa — especialmente na parte das crianças. Um destes anciãos, depois de receber cordial convite para entrar e sentar-se, continuou vindo e é agora, juntamente com sua família, um feliz membro de nossa igreja!

Para concluir, num pequeno subúrbio onde há cinco meses a obra adventista era completamente inexistente, vemos que o salão usado para conferências, foi dedicado como igreja, igreja organizada e ativa com mais de duzentos membros adultos da Escola Sabatina, sem contar as classes das crianças. O preconceito foi derribado nesta região. Creio que com a bênção do Senhor, nossas orações foram ouvidas, e ainda mais de cem almas serão batizadas e unidas à Sua igreja.

Louvamos a Deus e a Seu Filho Jesus Cristo, que nos ensinaram: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a Mim; porque dos tais é o reino dos Céus."

Planos Novos para . . .

(Continuação da pág. 4)

nos que um livro por semana. Esta declaração surpreendeu a muitos, e um pastor se levantou, interrompendo-o:

— Isto constitui uma impossibilidade. Jamais um pregador comum poderia ler um livro por semana.

Contestou o orador:

— Aí está a razão porque ele é apenas um pregador comum.

São sem conta os livros que se editam sobre temas religiosos, por isso cremos ser oportuno um plano de leitura e estudo. Charles Jefferson, vibrante pregador evangélico, escolhia todos os anos um livro da Bíblia, para um estudo dedicado e profundo. Desta maneira ele crescia cada dia no conhecimento das Sagradas Escrituras, destacando-se como um gigante na obra da pregação.

Finalmente, o pastor deve ter um plano de

evangelismo. "Nossos planos são, em geral, muito restritos — escrevia a mensageira de Deus. Devemos ter mais ampla visão. Deus deseja que, em nosso trabalho para Ele, ponhamos em prática os princípios da verdade e da justiça. Sua obra deve desenvolver-se nas cidades, vilas e povoados. . . ."

"Devemos abandonar a visão acanhada e fazer planos mais amplos. Deve haver mais vasto desenvolvimento da obra, tanto em favor dos que se acham perto como pelos que se encontram distantes." — Manuscrito 141, 1899.

Após haver reproduzido as palavras da inspiração, cremos desnecessário qualquer esforço no sentido de destacar a necessidade de figurar em nossa agenda de trabalho, para o novo ano, um amplo e audacioso programa de evangelização. "As searas estão brancas para a ceifa", disse o Salvador. Executemos, pois, os planos delineados com oração, e com o poder de Deus conduziremos os nossos esforços a uma culminação feliz.

— Enoch de Oliveira

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Base e Fruição da Experiência Cristã

(Continuação)

(Original Inglês, páginas 110-114)

II O Crer em Jesus

Nossa vida cristã deve ser uma constante atitude de crer em Jesus. Começamos pelo crer, e pela graça devemos nos manter crendo. Não devemos apenas nos "entregarmos", mas mantermo-nos nessa entrega. Devemos "submeter-nos", e mantermo-nos em submissão. Não devemos apenas "morrer" para o pecado, mas devemos "considerar-nos" mortos para êle, e manter-nos nessa atitude. Devemos "apresentar" nosso corpo a Deus, e mantê-lo nessa postura. Tudo isso é uma obra de graça.

A vida cristã requer constante entrega, constante consagração, constante rendição de coração e vida a Deus. Nós, os que estávamos mortos no pecado (Efés. 2:1), estamos agora mortos para o pecado (Rom. 6:11). Identificámo-nos com Jesus em Sua morte, e dessa forma morremos com Êle (Col. 2:20); de fato, nossa "vida" está escondida com Cristo em Deus" (Col. 3:3).

Este pensamento é maravilhosamente expresso pelos tempos de verbo empregados pelo Grego no Novo Testamento. Em S. João 3:18 e 36, onde lemos "quem crê", tem no Grego a forma de participio presente mas incluindo a idéia de que "quem crê n'Ele e continua a crer" e faz "disso um hábito de vida", será salvo. O tempo verbal presente contendo a idéia de *continuação* também ocorre na expressão "mortificar-des as obras do corpo" (Rom. 8:13). A idéia é a de uma atitude contínua de mortificar os apetites carnaís.

Ellen G. White a declara dessa forma:

"Não é seguro ser cristãos ocasionais. Cumpre-nos ser semelhantes a Cristo em nossas ações a todo tempo. Então, pela graça, estamos seguros para o tempo e a eternidade." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 439.

E ainda:

"A divina graça é necessária no início, divina graça em cada passo do avanço, e unicamente a divina graça pode completar a obra. . . . Podemos ter tido uma medida do Espírito de Deus, mas pela oração e fé, devemos continuamente buscar mais do Espírito." — *Testimonies to Ministers*, pág. 508.

III Nenhuma Confiança na Carne

Há uma luta constante na vida cristã. "Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e êstes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis" (Gál. 5:17). Os que vivem segundo a carne não podem agradecer a Deus (Rom. 8:8), porque o que semeia na carne colherá corrupção (Gál. 8:13). E o fato é que em nossa carne não habita bem algum (Rom. 7:18).

Por isso não devemos "confiar na carne" (Fil. 3:3). Enquanto vivermos neste vale de lágrimas nossa esperança repousa unicamente em Cristo nosso Senhor. Se andarmos "no Espírito" não cumpriremos "a concupiscência da carne" (Gál. 5:16). E mesmo aqui e agora, podemos ter a vitória se passarmos pela experiência de Paulo: "E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim" (Gál. 2:20).

IV Crescimento na Vida Cristã

O crescimento na vida cristã significa íntima comunhão com Jesus Cristo nosso Senhor. Significa alegria e certeza; significa constante gratidão a Deus pelo maravilhoso livramento que Êle operou por nós. Há, porém, um grave aspecto nessa experiência. Observemos:

Requer diária renúncia — "Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-Me" (S. Luc. 9:23).

Requer diário sacrifício — "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rom. 12:1).

Requer diária consagração — "Apresentai os vossos membros para servirem à justiça por santificação" (Rom. 6:19). "Apresentai-vos a Deus" (verso 13).

E ainda testifica a Sra. White:

"Não é só no princípio da vida cristã que esta entrega do próprio eu deve ser feita. Deve ser renovada a cada passo dado em direção do Céu. Tôdas as nossas boas obras dependem de um poder que não está em nós. Portanto deve haver um continuo almejar do coração após Deus, uma continua, fervorosa, contrita confissão de pecado e humilhação da alma perante Ele. Só podemos caminhar com segurança por uma constante negação do próprio eu e confiança em Cristo." — *Parábolas de Jesus*, págs. 159 e 160.

V É Imperativa Completa Desconfiança no Eu

Na vida cristã não há lugar para orgulho. Nada temos de que nos vangloriar (Efés. 2:9). Bem poderíamos todos nós aprender lição de humildade vista na vida de Paulo: "Sou o menor dos apóstolos" (I Cor. 15:9); "A mim, o mínimo dos apóstolos, me foi dada esta graça" (Efés. 3:8).

Afinal de contas, nada podemos fazer de nós mesmos. Disse Jesus: "Sem Mim nada podeis fazer" (S. João 15:5). Nada conhecemos de nós mesmos (I Cor. 4:4; II Cor. 3:5). Bem podemos clamar: "para estas coisas quem é idôneo?" (II Cor. 2:16). Contudo nos é assegurado nas Escrituras que "a nossa capacidade vem de Deus" (II Cor. 3:5). E esta capacidade é *tôda-suficiente*. Nossa fé deve apoiar-se "no poder de Deus" (I Cor. 2:5). O poder em nossa vida e ministério deve provir "de Deus, e não de nós" (II Cor. 4:7). Vivemos "pelo poder de Deus" (II Cor. 13:4), pois é Seu poder "que opera em nós" (Efés. 3:20). "Deus é o que opera em vós, tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade" (Fil. 2:13), "operando em vós o que perante Ele é agradável por Jesus Cristo" (Heb. 13:21).

Mais uma vez atesta a Sra. White:

"Nenhum dos apóstolos e profetas jamais pretendeu estar isento de pecado. Homens que viveram mais achegados a Deus, homens que sacrificariam antes a vida a cometer conscientemente uma ação injusta, homens que Deus honrou com luz e poder divinos, confessaram a pecaminosidade de sua natureza. Nunca confiaram na carne, nunca pretenderam ser justos em si mesmo, mas confiaram inteiramente na justiça de Cristo. O mesmo se dará com todos os que contemplam a Cristo." — *Parábolas de Jesus*, pág. 160.

VI Ter Fome e Sêde de Deus

"Bem-aventurados os que têm e sêde de justiça" (S. Mat. 5:6). Este é o sinal do verdadeiro filho de Deus. Nada tendo de si mesmo, anseia pela justiça de Deus. Gratos a Deus pela certeza, "serão fartos" (S. Luc. 6:21). Cristo aqui estêve realçando a experiência de Davi no passado: "A Minha alma tem sêde de Ti; a Minha carne Te deseja muito" (Sal. 63:1); "A Minha alma tem sêde de Deus, do Deus vivo" (Sal. 84:2). Esta é a legítima fome do espírito, o anelo do coração humano em ser semelhante a Cristo. É sob estas condições que Deus farta "a alma sedenta" e "enche de bens a alma faminta" (Sal. 107:9).

1. HAVERÁ GENUÍNA FRUIÇÃO NA VIDA DOS

FIÉIS FILHOS DE DEUS. — Haverá genuíno progresso no produzir fruto na vida cristã. E isto se desenvolverá à medida que avançarmos de fé em fé. No evangelho de S. João lemos de "fruto" (S. João 15:2), "mais fruto" (verso 2), ainda "muito fruto" (verso 5), e finalmente que "vosso fruto permaneça" (verso 16). Assim devemos prosseguir "de força em força" (Sal. 84:7) e de vitória em vitória, porque é Deus quem nos dá "a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 15:57). "Graças a Deus que sempre nos faz triunfar em Cristo" (II Cor. 2:14).

Então haverá os "frutos da justiça" (Fil. 1:11; comparar com S. Tia. 3:18). "O fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade" (Efés. 5:9). Um sumário mais completo ocorre na epístola aos Gálatas — "O fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei" (Gál. 5:22 e 23).

Que maravilhosa descrição! O supremo fruto do Espírito é o amor. Tudo o que se segue são aspectos dessa qualidade divina. Assim como várias côres perfazem a luz solar, assim estas graças juntas constituem o amor. Dessa forma, gozo é o amor exultante; paz é o amor em repouso; longanimidade é o amor incansável; benignidade é o amor paciente; bondade é o amor em ação; fé é o amor em forma de confiança; mansidão é o amor sob disciplina; enquanto temperança é o amor no domínio-próprio.

Esta fruição deve ser vista na vida do cristão. Estas virtudes não crescem por algum esforço nosso, mas se manifestam em nossa vida porque Cristo habita em nosso coração pela fé (Efés. 3:17). Estas virtudes existem em Cristo; e quando Ele habita em nós, Ele faz existir em nós as maravilhosas qualidades de Seu caráter perfeito.

As obras como meio de salvação não têm nenhum lugar no plano de Deus. Não podemos ser justificados de forma alguma por qualquer espécie de obras. A justificação é totalmente um ato de Deus, e não somos senão recipiendários de Sua ilimitada graça.

Mas as obras como fruição da salvação têm um lugar definido no plano de Deus. Isto se manifesta nas graças ou virtudes espirituais que se vêem nos filhos de Deus, como já notamos. Devemos "executar as obras de Deus" (S. João 6:28). Há a "obra da fé" (I Tess. 1:3); e todo aquele que é "nascido de novo" "pratica a justiça" (I S. João 2:29). As "boas obras" são muitas vezes mencionadas no Novo Testamento (ver Efés. 2:10), mas deve-se ter em mente que em toda a nossa obra de fé (II Tess. 1:11), nossa fé tem que ser ativada pelo amor de Deus (Gál. 5:6). Assim, em tôdas as coisas "o amor de Cristo nos constringe" (II Cor. 5:14).

(Continua no Próximo Número)

Ser Espôsa de Pastor

Dedicada às espôsas dos teologandos do I. A. E., turma de 1961.

Se és capaz de aliar teu flórido destino
ao destino daquele a quem o Deus da luz
chamou para arrancar do lôdo almas preciosas
e fazê-las brilhar no reino de Jesus;
e, sendo espôsa então de um santo mensageiro,
a seu lado viver, qual anjo tutelar,
semeando em seu caminho as flôres da bondade,
tornando em paraíso o seu modesto lar.

Se és capaz de lhe dar metade de tua alma
e tomares metade da dêle, e viver
enfrentando com êle, altiva, firme e calma,
as borrascas da vida, ao leme do dever,
odorizando as lutas, aflições e lágrimas,
como a violeta — flor que, noite e dia,
humilde, no jardim, não sendo muito vista,
rescende suave aroma que inebria.

Se és capaz de ombro a ombro lhe seguir os passos
no árduo ministério de vencer o mal,
e a seu lado ajoelhada em prece fervorosa
pêdir ao seu trabalho o sêlo celestial;
se és capaz de educar nos célicos caminhos
a prole que o Senhor da seara te confiar,
plasmando em cada filho e filha a alma de um santo,
um caráter luzente, e uma vida exemplar.

Se és capaz de seguir o teu amado espôso
mesmo aos invios rincões, sem confôrto, sem luz,
num êrmo e bem longínquo pôsto missionário
e ajudá-lo a levar nativos a Jesus;
se és capaz de lenir as dores do rebanho,
transfundindo a tua alma à da congregação,
de visitar o enfêrmo e aconselhar o fraco,
de ministrar estudo e dar orientação.

Se és capaz de, serena, partilhar o júbilo,
e o vale da aflição também, calma, transpor,
serás o arrimo certo de um obreiro ungido,
serás sempre a bendita espôsa do pastor;
e as estrêlas que, enfim, no diadema do espôso,
luzire:m lá no reino do supremo Bem,
bipartidas serão — ó companheira eleita —
por certo em tua frente hão de luzir também.

Arnaldo B. Cristianini
(1961)